

## NARCISO ENAMORADO<sup>1</sup>

Denise Vieira Lee<sup>2</sup>

O volume III da "Revue Française de Psychanalyse" traz uma coletânea de artigos que têm como tema o "Amor". Muitos dos autores ressaltam o fato do "Amor" não aparecer como um conceito no sentido estritamente psicanalítico, apesar de necessariamente implícito em outros como Pulsão ou Libido. Neste artigo, Pierre Chavel para falar deste tema, escolhe como vértice o Narcisismo, e visto deste ângulo, faz as seguintes colocações:

- 1) O objeto do amor é definido por uma experiência absolutamente contingencial: "*o amor é um sentimento que colocamos quando assim necessitamos, sobre o primeiro objeto vindo*" (Stendhal);
- 2) O ódio já está, portanto, presente no primeiro encontro com este objeto "*que é tão vão que só pode ser inoportuno*";
- 3) O Amor já é em sua origem, uma vivência narcísica, um reencontro de si mesmo no amor (narcísico) do outro: "*Um reencontro de si pelo Narciso morrendo nas fontes de seu nascimento*";
- 4) E, por fim, o paradoxo já anunciado no título do artigo "Narciso Enamorado": "*... como poderia Narciso enamorar-se senão de si mesmo?*" Levando-nos a pensar na construção paradoxal da vivência amorosa situada entre o Amor narcísico e o Amor de objeto como uma experiência entrelaçada.

O tom do artigo segue como uma espécie de provocação, de convite ao labirinto que o tema nos lança, valendo-se neste caminho de Freud, Lacan, Klein e Winnicott, o que nos deixa em muitos momentos em uma espécie de "desamparo teórico". Diante deste sentimento disparado pela leitura, proponho que nos apoiemos no que seria apenas uma referência (winnicottiana) para constituir um novo eixo organizador, um segundo texto. Um artifício, admito, no entanto tal como propõe o artigo quando nos fala da "*necessidade de colocar o amor (ou o pensamento) sobre o primeiro objeto*

<sup>1</sup> Pierre CHAVEL "Narcise Amoureux" in L'amour" - "Revue Française de Psychanalyse - vol. III

<sup>2</sup> Psicanalista, membro do Departamento Formação em Psicanálise, do Instituto "Sedes Sapientiae"



*reconhecido como tal”.*

Ao procurar tratar o Amor pela ótica do Narcisismo, o autor não nos esclarece se é o Amor que nasce do Narcisimo ou se é o Narcisimo que nasce do Amor. No entanto, sustenta esta tensão aparentemente de forma proposital. A questão disparadora deste caminho é a seguinte colocação:

*“Se o amor objetal nasce do mesmo reflexo onde narciso admirava sua própria imagem, qual seria este espelho, capaz de refletir o objeto do amor?”*

Neste ponto o autor lembra de Lacan referindo-se ao analista ao espelho, mas preocupa-se em não abordar o Narcisismo restrito a um sintoma organizador de defesa, mas sim, em considerá-lo como objeto do id, objeto da pulsão (Narcismo Primário?). Escolhe então tomar outro caminho, como ele próprio descreve, contornando Lacan e valendo-se de Winnicott para fazer do “olhar da mãe o espelho onde se encontra o eu”. Aqui parece que o autor insinua uma saída para o labirinto teórico que ele nos lançou, ao afirmar que “o espelho é o olhar (admirado) da mãe, onde o bebê pode reconhecer-se, olhar a si próprio no olhar do outro”.

Daqui pra frente será o conceito de Paradoxo na obra de Winnicott a bússola que nos orientará no nebuloso caminho que o artigo propõe. Winnicott nos lembra que são os cuidados maternos que organizam as experiências sensoriais do bebê de dentro e de fora como uma “liga”, uma substância quase palpável que dá continuidade à pele e ao olhar em direção a um contínuo psíquico, uma unidade do eu (o que Winnicott chamou de “handling”, responsável pela integração psicossomática). Mas essa unidade só terá sentido, Chavel nos lembra, se investida de amor; do contrário, na ausência desta “liga”, a mãe ao receber as projeções das sensações corporais do bebê, as devolve como se fossem estrangeiras.

Neste ponto do artigo quando parece que podemos respirar aliviados, menos encarcerados nas tramas narcísicas, o autor assinala sua clara preferência pelo paradoxo, pela ausência de solução e recoloca a questão (kleiniana) do ódio originário. Ele próprio admite que visto desta forma, “o amor parece um empreendimento quase improvável, mas é em todo caso assim que nasce o amor.”

É então aqui que o próprio leitor passa a ser este estrangeiro, barrado na alfândega deste autor francês, checando se é capaz

(ou não) de receber os paradoxos e a forte insistência em não resolvê-los que o texto propõe. Mas o autor, por sua vez, parece não se preocupar com o desconforto que nos lança e, ao contrário, justifica na sua última afirmação: *“O amor no entanto gera insegurança, porque no amor há risco de desordem narcísica. Sem objeto constituído não há amor possível, mas paradoxalmente, o objeto de amor põe em risco o narcisismo pois este amor permite retroativamente o restabelecimento da díade mãe-criança.”*

De volta ao paradoxo, recorro novamente ao eixo winnicottiano que me acompanhou a leitura. Winnicott foi o primeiro psicanalista a falar no “paradoxo” no sentido de sua implicação no processo de estruturação do psiquismo. Este conceito já está presente em sua Obra, no livro *O Brincar e a Realidade*, quando introduz o conceito de área intermediária onde se passa o fenômeno transicional; ou ainda, neste mesmo artigo, quando fala da criação do seio pelo bebê: *“...a mãe coloca o seio real exatamente onde o bebê está pronto para criá-lo, e no momento exato (...) a área intermediária, ou a área de ilusão é a área que é concebida pelo bebê, entre a criatividade primária e a percepção objetiva baseada no teste de realidade (...) desde o nascimento portanto, o ser humano está envolvido com o problema entre aquilo que é objetivamente percebido e aquilo que é subjetivamente concebido”.*

Retornando ao texto de Chavel percebo na sua determinação em não resolver o paradoxo Amor-Narcisismo, a mesma posição de Winnicott frente ao “paradoxo” qual seja, de que este *“seja aceito, tolerado e respeitado e não seja resolvido”*, pois aí reside o espaço da criatividade humana.